

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

INSULAMENTO E IDENTIDADE: A PRESENÇA DA AMAZÔNIA NA
LÍRICA DE MÁRIO DE ANDRADE

Voluntário: Fabio Fadul de Moura

MANAUS

2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL

PIB-H-0044/2010

INSULAMENTO E IDENTIDADE: A PRESENÇA DA AMAZÔNIA NA
LÍRICA DE MÁRIO DE ANDRADE

Voluntário: Fabio Fadul de Moura

Orientador: Gabriel Arcanjo Santos de Albuquerque

MANAUS

2011

Todos os direitos deste relatório são reservados à Universidade Federal do Amazonas, ao Núcleo de Estudo e Pesquisa em Língua e Literatura Portuguesa e aos seus autores. Parte deste relatório só poderá ser reproduzida para fins acadêmicos ou científicos.

Esta pesquisa, parcialmente financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal do Amazonas, foi desenvolvida pelo Núcleo de Estudo e Pesquisa em Língua e Literatura Portuguesa e se caracteriza como subprojeto do projeto de pesquisa Brasil, Brasis: insulamento e produção literária no Amazonas.

RESUMO

Este trabalho de iniciação científica analisou a presença da Amazônia na obra Mário de Andrade, considerando os temas *insulamento* e *identidade* como pontos fulcrais para a compreensão da produção poética marioandradina. A primeira fase deste projeto desenvolve-se a partir das análises sobre os poemas com temas amazônicos, a fim de se montar um painel em que se verificasse o imaginário poético engendrado por Mário de Andrade. A segunda tratou da recepção da crítica a essa produção. Dessa forma, foram abordadas questões tanto sobre o fazer poético como o contexto histórico em que ele foi realizado. No último momento foram verificados os desdobramentos da lírica marioandradina que alcançaram os dias atuais, comprovando dessa forma, sua pertinência e atualidade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
DESENVOLVIMENTO	16
• I. A DISTÂNCIA	16
• II. O MITO POR TRÁS DO SENTIMENTO AMOROSO	20
• III. CONVERGÊNCIA DE IMAGENS	24
• IV. A LÍNGUA COMO ELEMENTO MOVENTE	27
• V. A BRASILIDADE NA LÍRICA MARIO ANDRADINA	29
FONTES E REFERÊNCIAS	31
CRONOGRAMA	34

INTRODUÇÃO

Muito embora o Modernismo brasileiro seja mais reconhecido como um processo de rompimento com os modelos estabelecidos pela literatura de fins do Séc. XIX, no que diz respeito à poesia lírica, há, em alguns casos, uma abrangência de temas e abordagens que carecem de reflexão. É nesse contexto que uma série de poemas publicados por Mário de Andrade nos livros *Clã do Jabuti* (1927) e *Remate de Males* (1930) se inserem. Tal inserção diz respeito, nesse projeto de iniciação científica, ao modo pelo qual o poeta paulistano aborda temas próprios à Amazônia brasileira.

É necessário reconhecer que à época da publicação dos dois livros, não havia grande proximidade entre o Norte do Brasil e as demais regiões senão a partir de Belém do Pará. Muito provavelmente, o fluxo de nortistas para o estado de São Paulo, por exemplo, fosse menor que na segunda metade do Séc. XX. A compreensão de que havia um Brasil não reconhecido (ou não descoberto pelos demais brasileiros) provoca em Mário de Andrade a vontade de conhecer e aprender sobre ele. Dessa vontade nasce o livro *O Turista Aprendiz* e alguns dos poemas que tratam de temas amazônicos, como por exemplo, “Descobrimento” e “Lenda das mulheres de peito chato”.

Mário de Andrade não apenas interpreta as distâncias que separam o Brasil, mas une esteticamente as várias faces do país. Advém daí o reconhecimento e o estabelecimento de uma identidade mais ampla, a qual não se dá apenas pela língua portuguesa, mas pela compreensão de que entre o homem de letras (o próprio Mário de Andrade) e o homem amazônico (um seringueiro) há uma conexão que o insulamento e a distância não podem quebrar.

Os poemas interpretados não fazem uma representação específica da Amazônia, pelo contrário. São poemas integrados no conjunto da obra e compõem um painel amplo da

proposta poética marioandradina, na qual cabe o diálogo com a alta tradição literária (Dante Alighieri, por exemplo) e com temas advindos da psicanálise e da antropologia.

Diante dela, cabem alguns questionamentos: por que a lírica de Mário de Andrade se mantém tão atual? Como o poeta enfrenta as distâncias que separam o Brasil rico e culto ao Sul/Sudeste do Brasil insular ao Norte? Qual o posicionamento da crítica quanto a esses problemas? O que constitui, enfim, a identidade brasileira na poesia marioandradina? Esse projeto pretende, pois, iniciar a discussão que conduza a respostas possíveis.

Dessa maneira, ao se falar de insulamento e identidade na poesia de Mário de Andrade, deseja-se chegar ao centro de uma questão: o caráter abrangente e unificador dessa poesia. A abrangência está bem caracterizada no modo pelo qual o poeta se apropria de saberes que o levaram à leitura dos trabalhos de Theodor Koch-Grünberg e de Freud. Já o caráter unificador mostra-se pela capacidade que ele demonstrou em manter, na mesma obra, o aspecto desenvolvimentista próprio a São Paulo nos anos 20 e 30 como também a incorporação de temas que se mantinham preservados na Amazônia brasileira.

A poesia marioandradina oferece a utopia da unidade entre, pelo menos, dois Brasis, distantes geográfica e culturalmente. Essa distância parece diminuir à medida que se estabelece entre o eu lírico e o homem amazônico uma aproximação-identificação. A aproximação entre dois sujeitos, separados no tempo e no espaço, amplia o alcance da poesia de Mário de Andrade, pondo em cheque o insulamento e a “identidade brasileira”.

A permanência dos temas em *Clã do Jabuti* e em *Remate de Males* conduz o pesquisador a reflexões que, de um lado, tocam no fazer poético e, de outro, em sua recepção. Já a partir dos títulos dos dois livros é possível “sentir” a afinidade entre os poemas amazônicos de Mário de Andrade e o caráter integrador de sua obra. Enquanto o *Clã* filia-se visivelmente à tradição modernista de incorporar todas as expressões culturais brasileiras possíveis ao discurso lírico, o *Remate* modaliza essa incorporação trabalhando com temas

musicais e vinculando esses temas à expressão amorosa. Curiosamente, Remate de Males é a primeira nomeação do município de Benjamin Constant, no Amazonas, e, por extensão, os temas amazônicos presentes no livro ecoam nessa primeira nomeação. Conta-se que foi o maranhense Alfredo Bastos que, vindo do Peru, estabeleceu-se na região onde se encontra o município de Benjamin Constant e, ali, para por fim às vicissitudes por que havia passado, dá ao lugar o nome Remate de Males. Unindo o nome do lugar ao nome do livro e aos temas nele encontrados, o fim dos males seria, inclusive, o cessar das dores de amor.

É necessário enfrentar, pois, os problemas que a interpretação da poesia marioandradina apresenta. Ao tratarmos da identidade e das distâncias que separam os Brasis, tratamos também da atitude que o escritor adota frente a isso, da proposta estética que ele elabora, da expressão poética como veículo do que não cabe nos demais discursos e, por fim da recepção que ainda hoje se faz da lírica de Mário de Andrade.

Sendo assim, a pesquisa teve como objetivo geral: interpretar os poemas com temas amazônicos nos livros *Clã do Jabuti* (1927) e *Remate de Males* (1930), de Mário de Andrade;

E como específicos: a) proceder à análise dos poemas selecionados, considerando o insulamento e a identidade como temas presentes na lírica marioandradina; b) analisar a recepção à poesia de Mário de Andrade tendo em vista a recorrência dos temas amazônicos e as perspectivas críticas predominantes (métodos críticos aplicados e predominância de temas explorados); e c) apresentar dados que apontem qual a situação crítica da poesia de Mário de Andrade hoje.

Quanto aos aspectos metodológicos, o projeto segue algumas etapas: 1) análise documental, que diz respeito à identificação dos poemas com temas amazônicos; 2) análise bibliográfica, onde é feito o levantamento de textos críticos sobre essa temática, levando em consideração a *perspectiva* (BOSI, 1988) tomada pelos autores de crítica literária; 3) análise

literária, pautando-se nos temas *insulamento* e de *identidade*; e 4) verificação da obra não apenas no contexto histórico de publicação, mas também no atual.

Não se pode deixar de esclarecer que embora a perspectiva seja uma categoria aplicada por Alfredo Bosi à exegese de textos literários no ensaio *A interpretação da obra literária*, é possível deslocar essa categoria para o trabalho da crítica: se a perspectiva é, no que diz respeito ao texto literário, “aristocrática, burguesa, popular, religiosa ou leiga” entre outras, o crítico também pode adotar uma dessas perspectivas dada a maneira como aprecia um texto. Para Alfredo Bosi,

[...] a perspectiva, que Erwin Panofsky, em um estudo revolucionários para a história da estética, chamou de *forma simbólica*, nos dá o inteligível cultural da mensagem artística. Sim, porque o sujeito para o qual se abre o evento significativo, o sujeito que sente, pensa e escreve, não é um *eu* abstrato, posto fora ou acima da história concreta dos seus semelhantes. Ele percebe e julga as situações e os objetos através de um prisma que foi construído e lapidado ao longo de anos e anos de experiência social, com todas as constantes e surpresas que esse processo veio manifestando”. (BOSI, 1988, p. 468)

No presente caso, deseja-se verificar e interpretar a ocorrência dos temas amazônicos na poesia de Mário de Andrade. Isto se constitui como um processo interpretativo, seqüência natural à pesquisa documental.

Seja por adotar uma perspectiva adesiva ou reativa à obra, o crítico apresenta uma série de argumentos que corroboram sua interpretação, tais argumentos podem ser entendidos também como temas que a crítica elege para afirmar ou negar as qualidades da obra. Esta etapa do trabalho é aquela em que se pode iniciar a avaliação da crítica em seu conjunto para saber quais são os argumentos predominantes nas perspectivas adotadas. Segue-se então dois caminhos paralelos. No primeiro, tem-se a recepção crítica (o impacto que a obra causa nos leitores especializados), no segundo, a interpretação dos poemas com base nos temas insulamento e identidade sem perder de vista a recepção crítica estabelecida para a obra marioandradina.

Arrematando a perspectiva, os temas e a recepção da obra há o contexto em que ela emerge, o crítico faz parte desse contexto, pois é ele que, em determinados tempo e lugar, acolhe o que o escritor tem a dizer. Assim podemos falar de uma (crítica) sobre o dizer (texto literário) para o qual o lugar de fala do crítico pode ser complementar ou não ao do escritor. A determinação do contexto de acolhida da obra fecha o percurso metodológico previsto para a pesquisa, para tanto, pretende-se aplicar as teorias desenvolvidas no Projeto “Brasil, Brasis: insulamento e produção literária no Amazonas”, sob coordenação do Prof. Gabriel Albuquerque (ICHL/DLLP).

Nesse projeto, o insulamento pode ser entendido como “o afastamento entre o Brasil culto e moderno e o Brasil que nasce da Amazônia portuguesa (...)”. Esse afastamento que é cultural, social e tecnológico tem, também, uma manifestação própria ao mundo das letras e da cultura letrada no Amazonas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao se falar em Amazônia brasileira sempre se deve ter em mente que esta é uma região de alta complexidade. Lembrar de seu processo de formação é constatar sua particularidade, posto que, antes mesmo de ser o que hoje se conhece, ela foi uma colônia independente. Essa independência, pela qual pelejou desde antes de 1823, engendrou organizações econômica e politicamente distintas, se comparada à outra colônia de língua portuguesa do continente sul-americano.

A viagem feita por Vincente Iañes Pinzón à América do Sul permitiu que ele nomeasse o rio Amazonas de Santa Maria de La Mar Dulce em 1498. Na mesma excursão, a terra chamada Grão-Pará e Maranhão foi descoberta, enquanto a outra colônia, chamada Brasil, só seria avistada dois anos após. Porém, diferentemente da colônia do Sul, a nortista vem a ser habitada por portugueses a partir de 1630. E isso reflete a distância dessas paragens, o que levou à demora dos lusitanos quanto à posse da terra.

Questões tecnológicas também se tornaram decisivas para a estruturação das colônias lusas. “[...] Uma viagem do Rio de Janeiro para Lisboa em 1790 durava noventa dias; uma entre Belém e Lisboa na mesma época durava trinta dias; já outra entre o Rio de Janeiro e Belém podia durar até cinco meses” (2005, p. 87). Dessa forma, embora ambas participassem de mercado extrativista, não foi à toa que escolheram fontes também opostas: Grão-Pará tinha um sistema assalariado e o trabalho era direcionado para o sustento próprio (lidavam em seus investimentos com a indústria naval e a produção de extrativos como castanha-do-pará e tabaco); o Brasil optou pelo sistema de escravos, que era a força motriz do trabalho dos latifundiários. Com o passar do tempo, e, através das medidas tomadas pelo governo pombalino, a colônia nortista é cindida, originando, de um lado, Maranhão e Piauí e, de outro, Grão-Pará e Rio Negro. Essa conjuntura política passa a consolidar sua formação, sendo

elevada à categoria de província alguns anos mais tarde, embora sem o contato frequente com o Brasil.

Em 1792, a rainha D. Maria I retira-se do poder e D. João VI o assume. Portugal ficara abalado, pois as relações mantidas com a França prenunciavam desastres que, mais tarde, desembocariam no deslocamento da Família Real para o Brasil. Nesse ínterim, enquanto a antiga colônia do Norte fazia questão de estreitar suas relações com a Metrópole, a do Sul, a todo momento, tentava rompê-las. Essa atitude permitiu que o Estado do Brasil alcançasse a categoria de Império e que, devido aos problemas políticos europeus, a nova província fosse anexada a ele. Segundo Mário Souza, “[...] [a] anexação da Amazônia acabou se dando pela força [e] [...] [o] resultado foi uma severa convulsão social e a conseqüente repressão.” (SOUZA, 2005, p. 92) Esse evento foi o responsável pelas mortes de mais 40% de seus habitantes (SOUZA, 2002, p. 32), colocando a Amazônia mais uma vez em um estado de desamparo. Os nortistas foram obrigados inclusive por ações militares a aceitar sua nova posição.

Assim, a anexação significou para o Grão-Pará um grande problema: as relações que antes eram estabelecidas diretamente com a Metrópole permitiam a recepção de influências de toda Europa, favorecendo seu crescimento e modernidade. Na região, “[...] a tradição cultural ibérica aparece recriada não apenas pelo mundo amazônico, mas absorveu fontes inesperadas, com os ideais da revolução francesa e a filosofia da Ilustração” (SOUZA, 2005, p. 91). Uma vez tendo seu elo rompido, ela passa a ter contato com a cultura européia através de um reflexo do que consegue chegar ao Brasil. Vale lembrar: apesar de constituírem o mesmo território, aqueles que residiam no Sul eram chamados de brasileiros, enquanto os do Norte eram portugueses americanos.

Esses acontecimentos, instauraram no Grão-Pará um sentimento de solidão e de não pertencimento ao país, devido ao afastamento daqueles que poderiam ser seus referenciais,

isto é, a Coroa Portuguesa e o Brasil. Dessa forma, a trajetória da identidade da Amazônia brasileira é construída em um solipsismo que séculos mais tarde será sutilmente percebido em anotações da viagem feita por Mário de Andrade à região (1927).

As notas foram cotejadas e agrupadas no livro intitulado *O turista aprendiz* (1976), o qual reúne dados culturais das regiões brasileiras por onde o crítico passou. *12 de julho*, por exemplo, trata de uma conversa entre Mário de Andrade e um índio Pacanova, que acabara de ganhar uma calça comprida. Nela, o escritor pergunta: “– Agora que você *virou* gente, o que você vai *ser*, Pacanova?” (grifos meus). E o texto segue: “Ele, mas rindo que não acaba, diz que vai ser telegrafista, e quando perguntamos porque, diz que ‘pra *casar* com brasileira’ ” (ANDRADE, 1976, p. 151, grifo meu). Esse pequeno diálogo aponta a divisão “civilizado x arcaico” que ainda existia (e existe) entre as duas regiões e, ao mesmo tempo, para uma tentativa de integração, dada pelo desejo de casar com brasileira. Conforme Mário de Andrade, o índio Pacanova ainda diz que basta ele ser “pacanova cem-por-cento” (ANDRADE, 1976, p. 151).

Entretanto, uma nota em que torna esse sentimento de solidão muito mais evidente é *18 de julho*. Nela, Mário de Andrade, junto com duas acompanhantes, segue o caminho de um seringueiro no meio da floresta. Diferentemente das outras excursões realizadas durante a viagem, esta não teve um guia ou um diplomata que os tratassem como turistas. Foi um seringueiro que mostrou a floresta a eles. Ao observar o caminho traçado, os viajantes ficam impressionados com o “[...] silêncio quase absurdo que se tem nesses lagos pequenos cercados de árvores colossais. Aqui, ainda a sensação é mais intensa que a das proximidades de Manaus. [...]” (ANDRADE, 1976, p. 151) Pela nota, vê-se que a essa sensação gerada pela distância e pelo isolamento da Amazônia intensifica-se ao passo que adentram a floresta.

Dessa maneira, Mário de Andrade faz dois reconhecimentos sobre a Amazônia: um reconhecimento geográfico, ao conhecer a terra, e outro humano, ao conhecer o homem da

terra. O primeiro fica muito claro pelas demais notas de *O turista aprendiz*, enquanto o segundo começa por se perceber através dessa nota, em que ele sente o que é estar dentro da Amazônia, e se estende à sessão *Dois poemas acreanos* de *Clã do jabuti*, reverberando por outros poemas.

Falar desses dois tipos de reconhecimento encaminha a pesquisa para a questão da identidade, pensada não como uma forma acabada, total, mas sim, como algo que está em construção, Anthony Giddens diz que “o processo de interação entre o eu e a sociedade contribui para ligar o mundo pessoal e o mundo público.” (2004, p. 30). Abstrai-se de seu pensamento que a construção da identidade sempre se dá através do contato de um sujeito com um *outro*, seja esse um desdobramento seu, seja algo externo, fisicamente, a si. À luz disso, fica clara a dicotomia interior *versus* exterior que se apresenta como forma de construção/processo de identificação contínua com elementos desses dois espaços. Assim, a identidade é produto da conjugação entre o plano pessoal e o plano social que cada sujeito possui.

A dualidade “espacial” corrobora a ideia de segregação do sujeito, que, neste caso, parte-se em dois. No que tange a lírica marioandradina, João Luiz Lafeté afirma, a partir das ideias de Anatol Rosenfeld, que “a busca da identidade nacional [...] se liga ‘ao problema mais íntimo da descoberta da *própria* identidade’” (1986, p. 8). Conforme essa busca se intensifica, mais plural, então, torna-se o sujeito brasileiro.

Desdobrando essas considerações sobre a fatura da lírica de Mário de Andrade em relação à Amazônia é que se percebe a existência de suas múltiplas faces. Os elementos-chave encontrados nos poemas, organizados em painel, compõem um imaginário poético a cerca da presença da Amazônia. Ao fim, é a partir disso que se constata a singularidade e dinamismo no interior da lírica. Trata-se de uma representação da presença da Amazônia, não de uma

corporificação dela. É pelo fato de ela se mostrar fragmentada em cada poema que se faz necessária a montagem de um painel. Apenas nessa construção ela se fará mais concreta.

DESENVOLVIMENTO (LEITURA DE POSIA)

I. A DISTÂNCIA

A primeira forma pela qual a Amazônia é percebida na obra lírica de Mário de Andrade dá-se através da distância aduzida pelo poema intitulado *Descobrimento*, componente da seção *Dois poemas acreanos*, de *Clã do jabuti* (1927):

I

DESCOBRIMENTO

Abancado à escrivaninha em São Paulo
Na minha casa da rua Lopes Chaves
De sopetão senti um friúme por dentro.
Fiquei trêmulo, muito comovido
Com o livro palerma olhando pra mim.

Não vê que me lembrei lá no norte, meu Deus! muito longe de mim,

Na escuridão ativa da noite que caiu,
Um homem pálido, magro de cabelo escorrendo nos olhos
Depois de fazer uma pele com a borracha do dia,
Faz pouco se deitou, está dormindo.

Esse homem é brasileiro que nem eu...

Descobrimento (ANDRADE, 1993, p. 203) é o primeiro poema da lírica marioandradina que aponta para as questões insulamento e identidade. Dividido em dois planos, apresenta, no primeiro, um intelectual que está em São Paulo, e, no segundo, um seringueiro na Amazônia. Tanto o eu lírico como o seringueiro são significativos, posto que não apenas representam dois indivíduos, mas também as regiões brasileiras em que vivem.

Inicialmente, observando a disposição gráfica do texto, constata-se um verso que ultrapassa longitudinalmente os outros, criando uma linha que divide o poema. Essa divisão

se acentua pela pontuação, a qual expressa um caráter exclamativo, evidenciando a distância entre a Amazônia e São Paulo.

No primeiro plano, verifica-se que, durante seu trabalho,¹ o eu lírico é atingido por um “friúme”. A sensação condensada no verso central, onde o ritmo oscila com mais intensidade devido à cadência empreendida pelas sílabas poéticas (“De sopetão senti um friúme por dentro”)², reverbera nos outros versos, sinalizando o abalo que o acomete ao lembrar-se no Norte do país. É importante destacar que ele não se lembra do norte, mas *no* norte. Essa diferença entre conectivos faz com que haja uma aproximação do eu lírico por uma transposição possível, imaginariamente, entre os espaços. Ele, pela força da memória involuntária, isto é, por aquela “que não depende do nosso esforço consciente de recordar, que está adormecida em nós e que um fato qualquer pode fazer subir à consciência” (In: PROUST, 2002, p.8), sai de sua casa e alcança a Amazônia. A memória dilui a fronteira geográfica existente, permitindo a relação de alteridade entre os dois sujeitos. Dessa forma, não é o eu lírico, por vontade própria, que apresenta a Amazônia ao leitor, mas seu desdobramento mnemônico. Chama-se a atenção para a estrutura “friúme por dentro”, reveladora de certa percepção que aponta para o Norte.

Nele, fica claro que o eu poético percebe o solipsismo no momento em que fala da escuridão. Ela, a escuridão, possui forma dinâmica, pois não é simplesmente uma “noite”, mas uma “escuridão *ativa* da noite”, a qual surge como algo que “cai” sobre o seringueiro, deixando-o só, à medida que o cerca. Esse homem não está apenas sozinho, mas aprisionado a ela. Ele é “...Um homem pálido, magro de cabelo escorrendo nos olhos / Depois de fazer uma pele com a borracha do dia...”. Isso faz pensar que esteja cativo pela faina: a *pele* que ele faz não somente se refere ao modo de produção da borracha, mas também ao esforço realizado.

¹ Possivelmente, a casa na rua Lopes Chaves seria a mesma que em vida morou Mário de Andrade. Isso expressa certa contigüidade entre eu lírico e a imagem do Poeta e crítico literário.

² Em itálico estão destacadas as sílabas mais altas, enquanto as baixas foram sublinhadas.

Assim, a descrição feita do seringueiro presentifica a Amazônia, uma vez que ela não é representada de maneira específica, mas sugerida pelas palavras que concentram significados no poema.

A identificação que se dá entre aquele que observa e o observado realçar-se-á, se for colocada ao lado de *Descobrimento* a nota *18 de julho* de *O turista aprendiz* (agora, mais extensa a fim de que se perceba melhor do que se fala):

[...] Vamos seguindo o caminho de um seringueiro, ziguezagueando pelo mato, de uma seringueira pra outra. Torneamos também castanheiras gigantescas, enfim, verdadeira floresta “civilizada” amazônica. O trilho do seringueiro está desimpedido do cipoal e da serrapilheira intransponíveis para nós. [...]. O observamos na sua faina, fazendo os lapos na árvore, botando as tigelinhas, partindo em busca da seringueira de em seguida. Mais de uma hora de marcha, e topamos com um laguinho fundo. Ninguém não pode imaginar a sensação de paz, de silêncio quase absurdo que se tem nesses lagos pequenos cercados de árvores colossais. Aqui, ainda a sensação é mais intensa que a das proximidades de Manaus. E aqui não há vitórias-régias, não há nada que traga qualquer disfarce de alegria a esta paz verde negro dessas árvores enormes, é de uma profundidade infiel, como se estivesse apodrecendo aos poucos. O silêncio não deixa de ser um bocado doentio, embora sem tristeza. [...] (ANDRADE, 1976, p. 15)

Por essa nota se intensifica a solidão amazônica. Mário de Andrade penetrara na floresta ao acompanhar o ziguezague do seringueiro e se surpreende com as imagens tão intensas: as “árvores colossais” erguem-se, envolvendo-os. Não há saída. Por cima e pelos lados, apenas o envoltório “verde negro”. A água do lago, por sua vez – rodeada por terra – como espelho, reflete e duplica a sensação e o silêncio, os quais recrudescem ao passo que ele embrenha pela mata. E ao fundo, é visto um homem.

Anotação e poema convergem e complementam um ao outro. Mário de Andrade reconhece o seringueiro. O eu lírico, por sua vez, identifica-se com a imagem vista no poema. Segundo Alfredo Bosi, “[...] [a] imagem é um modo da presença que tende a suprir o contato direto e a manter juntas, a realidade do objeto em si e a sua existência em nós. O ato de ver apanha não só a aparência da coisa, mas alguma relação entre nós e essa aparência: primeiro e

fatal intervalo [...]” (2000, p. 19). Assim, o ato de ver acaba por induzir o pensamento a uma identificação entre a coisa vista e aquele que a observa, estabelecendo uma relação sutil entre sujeito e objeto. Destarte, o poema amplia a dimensão da identificação para um caminho onde possa haver uma integração entre a Amazônia e o restante do país.

Porém, é importante ressaltar a perspectiva do eu lírico: ele está em São Paulo (e, de lá, lembra-se da Amazônia). Ao pensar nesta questão, o poema expressa um sentimento que se dá de fora para dentro. O tema do seringueiro faz com que o eu lírico reconheça a Amazônia geográfica e socialmente. Entretanto, isso não é tudo. Ele também reconhece o humano no interior da Amazônia. E em tal situação, eles possuem uma ligação direta. Existe a distância? É fato. Mas a identificação que se faz arremate na chave de outro (Esse homem é brasileiro que nem eu...) estabelece um elo poético que dilui distância. Ao dizer *Esse homem*, o eu lírico mostra o distanciamento efetivo; ao dizer *que nem eu*, ele mostra a aproximação existente; e ao falar que são *brasileiros*, ambos enlaçam-se. E o texto é fechado pelas reticências, as quais sugerem a consciência atingida.

II. O MITO POR TRÁS DO SENTIMENTO AMOROSO

Outra forma pela qual se percebe a presença da Amazônia na lírica marioandradina é através do mito em *Lenda das mulheres de peito chato*. Escrito em 1926, o poema só fora publicado em 1930, em *Remate de males*, como parte de *Tempo da Maria*. Segundo Cristiane Rodrigues de Souza, “[...] [n]esse grupo de poemas, Mário de Andrade resgata a musicalidade brasileira para cantar seu amor pela dona sublime, de forma que se assemelha ao louvor de Dante que, por meio de baladas, canções e sonetos, canta o amor por Beatriz [...]” (SOUZA, 2009, p.11). Dessa forma, assim como a musa do poeta italiano, a mulher cantada por Mário de Andrade também é inalcançável.

O fato da composição de seu canto ter sete sílabas poéticas acelera a leitura, na medida em que realiza *enjambement*, favorecendo uma cadência musical mais próxima da prosa. O poema, então, assume um tom narrativo e o eu lírico passa a realizar o ato de narrar uma história, neste caso, uma lenda: “Macunaíma, Maria, / Viajando por essas terras / Com os dois manos, encontrou / Uma cunhã tão formosa / Que era um pedaço de dia...” (ANDRADE, 1993, p. 233).

Deve-se ter em mente que o poema é um produto da viagem feita por Mário de Andrade pelo Norte do país. *Lenda das mulheres de peito chato* estabelece-se como produto dos estudos do Poeta sobre o material do etnólogo alemão Theodor Koch-Grünberg. Fundindo as versões das lendas indígenas arecuná e taulipang³ sobre *Makunaíma* e a árvore da vida, a grande *Wazaká*, ele cria poeticamente a sua lenda. E essa união erige o caráter mítico especificamente amazônico.

Na versão dos índios arecunás, *Makunaíma* derrubou *Wazaká*, a qual era carregada de bananas. Seu tronco caiu para o norte, em território venezuelano, onde atualmente há muitos

³ Essas etnias indígenas vivem, de acordo com Koch-Grünberg, na região fronteira entre Brasil e Venezuela.

bananais, enquanto o toco se tornou o monte Roraima, no Brasil. Ainda conta a lenda que da base do tronco cortado saíram muitos peixes e água. Pensando essa como símbolo do caos e aqueles como animal “associado ao nascimento ou à restauração cíclica” (CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain, 2009, p. 703), a água destrói o mundo conhecido e os peixes dão a ele uma nova forma, isto é, recriam-no. Assim a lenda indígena deposita sobre *Makunaíma* o poder de herói civilizador, uma vez que, em seu ato de derrubar a árvore, ergue o mundo habitado pelos índios.

À luz do exposto, o mito tem uma função fundamental na esfera amazônica, pois atualiza um acontecimento de tempos primordiais. Segundo Mircea Eliade,

[...] el mito cuenta una historia sagrada; relata un acontecimiento que ha tenido lugar en el tiempo primordial, el tiempo fabuloso de los «comienzos». Dicho de otro modo: el mito cuenta cómo [...] una realidad ha venido a la existencia, sea ésta la realidad total, el Cosmos, o solamente un fragmento: una isla, una especie vegetal, un comportamiento humano, una institución. Es, pues, siempre el relato de una «creación»: se narra cómo algo ha sido producido, ha comenzado a *ser*. (ELIADE, 1999, p. 6)

No que tange ao poema, essa atualização do mito, isto é, esse ato de significação sobre as coisas, ocorre pela aproximação da imagem de *Wazaká* e a mulher desejada, Maria. Desde a primeira estrofe, a mulher está relacionada com elementos naturais: ela não apenas pesca mas também faz a colheita do milho. De certa forma, ela intermedeia as relações entre sua família e a natureza (por estar mais próxima desta última). Entretanto, ela não o faz apenas pelo trabalho. No corpo feminino está inscrito algo que o aproxima do mundo natural: o fato de dar a vida. Embora seja o homem que fertilize a terra, esta precisa estar disposta (entenda-se: fértil) para que haja a possibilidade da fecundação e, então, a produção de frutos.

Também eles [os frutos] são responsáveis pela aproximação das duas imagens, pois criam um campo semântico que remete diretamente à questão do mito de origem, criação, devido ao seu elo estreito como símbolos da terra. Quando expõe seu desejo pelo discurso

direto no poema, Macunaíma descreve as feições femininas utilizando-se de frutas como adjetivos:

– Eu te amo, (que ele falava)
Moça linda! Você tem
Esse risco de urucum
Na beira do olhar somente
Pra não ver quem te quer bem!
Olhos de jaboticaba!
Colinho de cujubim!...
Te adoro como se adora
Com doçura e com paixão!
Maria... Vamos embora!
(Que ele falava pra moça)
Eu quero você pra mim!

Amor, doçura, paixão e o vermelho do urucum têm em sua carga simbólica o poder de expressar o desejo de Macunaíma por Maria, sendo arrematados, no fim da estrofe, pela força da declaração no último verso: “Eu quero você pra mim!”. Uma vez aproximadas as imagens da mulher e da natureza, passam a ter suas propriedades descoladas uma para a outra. As palavras destacadas oscilam entre ambas, aduzindo certa sensualidade, ao passo que também mitifica Maria. A sensualidade mostra-se pelo direcionamento que o desejo toma. O olhar dela é o primeiro atrativo a encantá-lo; em seguida, ele toma posse do olhar, ou pelo menos fita-a no intuito de que ela ceda; e, depois, desce ao colo. O caminho traçado pelo olhar dele sobre o corpo da mulher deixa clara a sua vontade. A mitificação, por sua vez, dá-se pelo distanciamento que ele acaba por produzir, mesmo sem dar-se conta. Ela está tão próxima da natureza que jamais conseguirá tê-la.

Ressalta-se que não é o eu lírico que tem a posse o discurso nesse momento do texto (ele está reduzido aos parênteses). É Macunaíma que avança sobre o texto e toma posse do discurso a fim de poder alcançá-la. Na lenda, para derrubar *Wazaká*, enquanto o irmão de *Makunaíma* pronunciava o nome de madeiras duras para enrijecer o tronco da árvore, ele pronunciava nomes de bananeiras para que o tronco amolecesse. A posse do discurso fê-lo

derrubar *Wazaká*, dominando-a pela força (também da palavra). No poema, transformar Maria em algo apreensível seria uma forma de possuí-la, porém, esta, pela transformação, ganha mais força para negá-lo.

Macunaíma fica enraivecido, arranca do colo de Maria os seios e pendura os mangarás arrancados de dois cachos de banana. Essa é a forma que ele sublima o desejo intenso. Os mangarás arroxeados, como objetos fálicos, remetem à cópula que não se realizou. A transição das cores da paixão do vermelho para o roxo mostra a trajetória do sentimento amoroso de Macunaíma do início ao fim: enquanto o vermelho estaria para nascimento do encanto, o roxo, para morte, enfim, o seu final definitivo.

O eu lírico, como um contador da história, desfecha dizendo: “E hoje as donas são assim... / Adianta a lenda que a moça / Ficou feia... Não sei não...”. A dúvida dele acaba por gerar no leitor a certeza, isto é, a aceitação do mito. Dessa forma, ele se torna verdade.

Considerando o sentimento amoroso como um *evento*, pode-se dizer que ocorre uma revelação fenomênica da cultura amazônica. O sentimento manifesta-se como traço fundamental para caracterizar a Amazônia poética de Mário de Andrade na medida em que o contador da história tece a trama. Essa história indígena engendra uma atmosfera que envolve o interlocutor, a ponto de ele obter contato com uma cultura diferente da sua através da comunicação. Embora esse contato passe pela voz de outro, é a reprodução do evento que permite a visualização dos traços identitários do Norte. Sendo assim, as mulheres de peito chato acabam por serem vistas como um fator distante daqueles homens, posto que estão à parte da cultura deles; elas se desenvolvem em outro espaço. O insulamento desse lugar é visto na sua condição de ser. As mulheres estão longe do homem que as deseja assim como a Amazônia está longe daquele eu lírico de *Descobrimento*. A única forma possível de apreendê-la dá-se quando ela é transformada em elemento movido pela língua, como é o caso da história amorosa.

III. CONVERGÊNCIA DE IMAGENS

Observando os poemas selecionados atentamente (neste momento, como construtores de algo maior), é possível notar que os temas amazônicos, seringueiro e mito, compõem, em painel, uma imagem multifacetada da Amazônia. Logo, faz-se importante considerar as movimentações que ocorrem com os elementos-chave de cada poema.

Em *Descobrimento*, o eu poético se realiza num espaço íntimo, ao passo que também ocupa um espaço coletivo. O homem que reconhece a Amazônia, como já foi dito, ultrapassa o plano geográfico e alcança o humano. Essa transição feita por ele é corroborada pela assertiva de João Luiz Lafetá:

[...] [o] fato é que, se a poesia de Mário de Andrade constitui uma exploração do seu “eu” e conta, como afirma Álvaro Lins, a história “de um homem multiplicado que procura encontrar-se a si mesmo” [...], ela constitui também uma tentativa de explorar a multiplicidade da cultura brasileira e de contar a história de um intelectual que procura encontrar a identidade de seu país [...] (LAFETÁ, 1986, p.8)

O mergulho em sua própria cultura é anunciado desde o título do livro de 1927: *Clã do jabuti*. Clã é conjunto, ou seja, aproximação de indivíduos. E jabuti, pensado simbolicamente, é a representação de um cosmos. Unindo os sentidos, tem-se um jogo de representações que vêm reunir poeticamente elementos de várias faces do país. E é exatamente isso que esses dois livros fazem. Valendo-se da poesia, Mário de Andrade consegue colocar no mesmo espaço, através da identificação-aproximação entre o seringueiro e o intelectual das letras, duas regiões brasileiras que construíram suas identidades, de certa forma, de costas uma para outra. O projeto que ele tem em mente é “[...] modificar o rosto do Brasil litorâneo, ampliá-lo com os traços da diversidade da nossa gente, e ao mesmo tempo afirmar o desejo de uma possível unificação de sua cultura [...]” (LAFETÁ, 1986, p. 23)

Para tanto, é necessário também mostrar a diferença. Ao apontar as distâncias que separam o Brasil nos versos de *Descobrimento*, ele deixa clara a sua existência. Entretanto, ao fazer isso através da poesia, o poeta cria uma possibilidade que o plano físico não sustenta. Ambas as regiões são consideradas como faces de um mesmo sujeito. E, por isso, têm suas particularidades, as quais não são esquecidas. Neste momento, entra em cena o mito de *Lenda das mulheres do peito chato*.

Mário de Andrade não busca qualquer mito, mas um mito específico da região amazônica. Ele se apropria de um elemento que aduz traços culturais característicos do lugar para depois depositá-lo em sua produção poética. Assim que se dá a afirmação de uma identidade pela diferença. Esse mito não faz parte da cultura do homem letrado apresentado em *Descobrimento*, mas isso não significa que não faça parte da cultura do país. No texto, as frutas que compõem o corpo de Maria fazem dela uma representação que integra inicialmente a Amazônia, e depois, liga-a a terra brasileira⁴.

Da mesma forma que o último verso de *Descobrimento*, “Esse homem é brasileiro que nem eu...”, há uma passagem que identifica/aproxima Macunaíma (um homem da Amazônia) e o eu lírico (que conta a história do poema de *Lenda das mulheres de peito chato*, sem pertencer à região). O eu lírico diz: “Macunaíma, Maria / Era como eu brasileiro”. A alteridade construída no poema do *Clã* é atualizada no poema do *Remate*. Dizendo de outra forma: uma vez que *Lenda das mulheres de peito chato*, como se destacou anteriormente, foi escrito antes de *Descobrimento*, o poema surge como alicerce da união das duas faces apresentadas.

Embora a intensidade do sentimento de solidão ainda seja muito forte em seus poemas, ela é diminuída pela conjugação possível entre os dois Brasis. Ao fim, vê-se que, ao passo que

⁴ Cujubim e urucum remetem à floresta amazônica, enquanto a jaboticaba à Mata Atlântica.

as imagens da Amazônia convergem para a poesia marioandradina, é engendrado um canal por onde os dois espaços podem estabelecer comunicação.

IV. A LÍNGUA COMO ELEMENTO MOVENTE

Nos dois poemas analisados houve a recorrência de uma questão latente na lírica de Mário de Andrade. Trata-se da forma como os próprios textos inserem a questão das identidades brasileiras que, por mais que se façam díspares, estabelecem relação entre si. Em outras palavras: embora esses dois espaços estejam em dissonância, há um elemento que possibilita o reconhecimento entre o homem do Sul/Sudeste e do Norte do país.

Reiterando-se a ideia de que nos poemas há duas esferas que são geográfica, temporal e culturalmente separadas, fica evidente que ambas construíram suas identidades por processos desiguais. Todavia, também é certo que a lírica marioandradina mostra-as em torno de seu eixo comunicante. Mesmo que não constituam única estrutura, posto que as especificidades de cada uma são muito bem marcadas (e isso as faz sempre singulares), a questão da *brasilidade* é condensada nos versos dos dois poemas. Em “Esse homem é brasileiro que nem eu...”, de *Descobrimento*, e “Macunaíma, Maria, / Era como eu brasileiro”, de *Lenda das mulheres de peito chato*, está a síntese entre *insulamento* e *identidade*. Destacar a condição de *brasileiro* é evocar uma nacionalidade e, por conseguinte, os elementos que a produzem.

Essa ação retoma as ideias de alguns autores da Literatura Brasileira como Gonçalves Dias e José de Alencar, por exemplo, que utilizaram o sentimento nacional para construir simbolicamente aquilo que propuseram como identidade. José de Alencar considerou três elementos formadores da nação: o território, a raça e a língua. Essa tríade, transmitida ao sujeito desde o nascimento, foi fundamental para marcar uma identidade brasileira diante da presença da tradição lusitana no país. Os três pontos dão-se basicamente a partir da distância. O fato de Portugal e Brasil estarem geograficamente separados pelo Oceano Atlântico permite que se desenvolvam culturalmente em áreas com climas próprios e elementos humanos bem

diferenciados. O desenvolvimento de uma raça dá-se, no Brasil, pela “mescla de várias raças” (JOBIM, 2006), isto é, enquanto em Portugal primava-se pela ideia da pureza que deveria ser transmitida e conservada pelas gerações (atitude tradicionalmente lusa para afirmação da sua identidade), no Brasil foi a mistura dos valores advindos de diversas localidades (africana, indígena e européia) que compôs uma identidade cultural diferenciada. Conseqüentemente, a forma de expressão dessa cultura também será distinta. A língua, embora chamada de língua portuguesa, é encarada como elemento expressivo da cultura local. Ela é responsável pela manifestação da *brasilidade*, entendida por Antonio Candido como “a presença de elementos descritivos locais, como traço diferencial e critério de valor” (1969, p. 28). Assim, o português falado no Brasil possui características próprias que o definem na medida em que se distancia o português lusitano. A separação, que começou no plano físico, influenciou a formação social dos homens da terra e alcançou a forma de expressão das coisas do mundo.

Assim, as transformações que ocorreram durante a história da nação brasileira foram importantes para sua consolidação. Cada evento demarcou fortemente a sua identidade, dando ao Brasil a autonomia necessária para firmar-se diante de Portugal e diante de si mesmo.

Gonçalves Dias também se apoiou na questão da distância para defender suas ideias, porém, não mais direcionada para a relação luso-brasileira. Enquanto José de Alencar discutiu a distância como elemento separador entre colônia e metrópole, Gonçalves Dias mostrou que ela também retratava o Brasil internamente. Cada lugar possui traços lexicais muito próprios: o jeito de falar dos mineiros é diferente do jeito de falar dos baianos, que, por sua vez, não se compara ao dos cariocas. O uso da língua portuguesa pelos homens dessas localidades expressa não uma cultura, mas culturas que se formam em *ilhas*. Por outro lado, é a mesma língua que permite a todos a compreensão e o reconhecimento de si como brasileiros, embora nem sempre conheçam a cultura do outro. Dessa forma, a língua acaba por ser o elemento que faz o intercâmbio cultural entre as várias faces do país.

V. A BRASILIDADE NA LÍRICA MÁRIO ANDRADINA

Para Antonio Candido, a Literatura é considerada um “sistema simbólico, por meio do qual as veleidades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contacto entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade.” (1969, p. 24). Isso quer dizer que a Literatura é capaz de dar nova forma à realidade. A criação de um campo simbólico onde possa haver a integração que no plano geográfico evidentemente não acontece é necessária para que a ideia de nação adentre no pensamento da sociedade.

Mário de Andrade utiliza-se dos próprios valores linguísticos do povo e os define como brasileiros. Em sua produção poética verifica-se a *perspectiva* (BOSI, 198:8) de um homem que busca abarcar os traços culturais por meio de um reconhecimento: a simples comparação “que nem eu...” ou “era como eu brasileiro” ressalta uma oralidade muito forte, a qual afasta seus poemas do tradicionalismo lusitano que até então era considerado correto. Esse tipo de construção somente passa a ser aceita após a ruptura realizada pelo Movimento Modernista (embora até hoje cause certo estranhamento em muitos leitores). Após cindir o purismo gramatical, Mário de Andrade incorpora brasileirismos (e com eles as realidades de cada região) à sua produção poética. É assim que a cultura amazônica vaza miticamente para sua poesia, criando uma imagem da Amazônia brasileira a partir de imagens menores que compõem um painel poético.

No momento em que os livros de Mário de Andrade aparecem no cenário da Literatura Brasileira, os movimentos literários que primavam pela construção de uma identidade já haviam colocado em pauta aquela discussão e fortalecido sua base. O que o Poeta e crítico literário faz é retomar a ideia de que a língua é um elemento capaz de abranger e unificar diversos temas próprios à cultura nacional. Segundo Alcmeno Bastos, “[...] a poesia modernista reconhece a pluralidade como marca de identificação do homem brasileiro. [...]”

(2004, p. 114). Essa assertiva corrobora o que vem sendo discutido, pois aponta a pluralidade cultural e o reconhecimento de seu aspecto de construção. Dessa forma, pensar a Amazônia de Mário de Andrade como uma ínsula é considerá-la um complexo cultural tão desconhecido pelo homem da rua Lopes Chaves quanto é para o homem da Amazônia o Sul/Sudeste do país.

A forma de interação entre esses dois complexos culturais só é possível pela vontade de Mário de Andrade de conhecer o Norte. E isso fica claro pelo desejo que ele tem de conhecer esse outro lugar em *Acalanto do seringueiro*:

[...]
Como será a escuridão
Desse mato-virgem do Acre?
Como serão os aromas
A macieira ou a aspereza
Desse chão que também é meu?
Que miséria! Eu não escuto
A nota do uirapuru!
Tenho de ver por tabela,
Sentir pelo que me contam,
Você seringueiro do Acre,
Brasileiro que nem eu.
[...]

Esse excerto reitera a discussão: de um lado há o *insulamento* que permite que as culturas construam suas formas de viver em espaços distintos, possibilitando a produção de identidades próprias pela distância, enquanto de outro há a vontade de um sujeito em buscar uma identidade mais ampla, nacional. A validação dessa proposta se dá quando ocorre a síntese entre os dois conceitos. A língua é acionada como elemento constitutivo da nacionalidade, estabelecendo um canal de comunicação entre as “ilhas culturais” do Norte e do Sul/Sudeste do país. Assim, a ela acaba por ser responsável pela manutenção dessa identidade mais ampla na medida em que se torna o elemento que não apenas comporta, mas move todos os aspectos da cultura brasileira.

FONTES E REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Gabriel. Brasil, Brasis: insulamento e produção literária no Amazonas. In: (Org.). RIOS, Otávio. *O Amazonas deságua no Tejo: ensaios literários*. Manaus: UEA Edições, 2009.

ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. 6. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2002.

_____. *O turista aprendiz*. Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

_____. *Poesias completas*. São Paulo: Vila Rica Editora. 1993.

BASTOS, Alcmeno. *Poesia brasileira e estilos de época*. 2. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.

BOSI, Alfredo. *Céu, inferno – ensaios de crítica literária e ideologia*. Série Temas. Vol. 4. São Paulo: Ática, 1988.

_____. *O ser e o tempo da poesia*. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1999.

_____. “Cultura como tradição” in *Tradição/Contradição*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor/Funarte. 1987.

CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. Trad. de Vera da Costa e Silva e outros. 23. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

FIGUEIREDO, Aldrin de. Letras insulares: leituras e formas da História no Modernismo brasileiro. CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Orgs.). *A*

história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. São Paulo: Duas Cidades, 1991.

GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. 4. ed. Trad. de Alexandra Figueiredo *et al.* Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. *A mobilidade das fronteiras*: inserções da geografia na crise da modernidade. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KAYSER, Wolfgang. *Análise e interpretação da obra literária*. Porto: Almedina, 1988.

LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o Modernismo*. 2. ed. Duas Cidades; Ed. 34, 2000. (Coleção Espírito Crítico).

LAFETÁ, João Luiz. *Figuração da intimidade*: imagens na poesia de Mário de Andrade. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. Tradução de Marina Apenzeller. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MUELLER, Helena Isabel. Devaneios amazônicos de Mário de Andrade. In: GRUNER, Clóvis & DENIPOTI, Cláudio. *Nas tramas da ficção*: história, literatura e leitura. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

SAMPAIO, Patrícia Melo. Administração colonial e legislação indigenista na Amazônia Portuguesa. In: DEL PRIORE, Mary & GOMES, Flávio. *Os senhores dos rios*: Amazonas, margens e histórias. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

SOUZA, Márcio. Afinal, quem é mais moderno neste país? In: *Estudos avançados USP*. São Paulo: EDUSP, 2005, v.19, n.53, pp.87-96

SOUZA, Márcio. Amazônia e modernidade. *Estud. av.* [online]. 2002, vol.16, n.45, pp. 31-36. ISSN 0103-4014. doi: 10.1590/S0103-40142002000200003. Acesso em 18 de Outubro de 2010.

CRONOGRAMA

Nº	Descrição	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul
		2009					2010						
1	Levantamento dos poemas e definição do <i>corpus</i> para a pesquisa	R	R	R	R	R	R						
2	Levantamento bibliográfico e análise do grupo de poemas	R	R	R	R	R	R						
3	Elaboração do Relatório Parcial			R	R	R	R						
4	Apresentação Parcial				R								
5	Análise da recepção aos “poemas amazônicos” de Mário de Andrade							R	R	R	R		
6	- Apresentação Final - Elaboração do Resumo e do Relatório Final - Preparação para a Apresentação para o Congresso									R	R	R	R